

DURAS, Claire de. *Ourika*. Paris: Éditions Gallimard, coll. « Folio Plus Classiques », 2014, 142 p.

OURIKA: NOTÍCIAS DE UMA NARRATIVA DO SÉCULO

XIX

Julia Hartmann das Chagas¹ e Beatriz Cerisara Gil²

O processo de expansão colonial francês se faz especialmente em dois momentos históricos: nos séculos XVII e XVIII e, a seguir, a partir dos anos 1880 no período de consolidação republicana da França. Do ponto de vista das ideias e da literatura, é no fim da primeira colonização, no quadro filosófico particularmente rico do Iluminismo, que se desenvolvem concepções e representações mais definidas no que se refere a uma crítica sobre o escravismo, seja pela perspectiva dos argumentos humanistas, seja pela dimensão econômica do problema. Nesse sentido, vários personagens negros surgem na literatura dentro de um embate intelectual que passa a contar com muitos defensores da abolição.

Difícil expor, em breves linhas, o complexo panorama em que se combinam o processo interno de revolução (revoluções?) na França e os movimentos expansionistas concorrentes no cenário internacional. Durante e após a Revolução Francesa, em muito pouco tempo, a França contará com leis bastante distintas a respeito do tráfico de escravos. Em 1794, a Convenção abole o tráfico e, em 1802, o Consulado bonapartista reestabelece legalmente a prática escravagista, criando também leis que interditam a entrada de negros no país. O mesmo Napoleão, em seu retorno ao poder em 1815, no período que ficou conhecido como o dos Cem Dias, retrocede parcialmente nas suas medidas anteriores em favor do tráfico negreiro; entretanto, apenas em 1848 a metrópole impedirá de forma definitiva o regime escravo nas suas colônias.

Mas, neste primeiro quarto de século XIX, há pelo menos uma consequência de extrema importância associada à decisão bonapartista de fortalecer a economia de plantação e, portanto, o regime escravocrata. A segregação e a discriminação raciais serão legitimadas e muito mais explícitas na hierarquia social que se constituía então. O *Código Civil* dos franceses, de 1805, será aplicado unicamente aos de cor branca. Os

¹ Graduanda e bolsista de Iniciação Científica na UFRGS.

² Professora de Literaturas de língua francesa do Departamento de Línguas Modernas da UFRGS.

negros livres, assim, não perdem somente seus direitos políticos, mas também seus direitos civis e encontram-se desde então, de forma mais profunda, em situação de inferioridade social. (GAINOT, p.192) As implicações desta segregação legislada são evidentes para o pensamento da época e não podemos ignorar dentro dessas circunstâncias de forte tensionamento das relações econômicas e sociais a importância do debate científico que se vai desenrolar acerca da questão racial.

Em 1853-1855, com a publicação de *Essai sur l'inégalité des races humaines*, de Gobineau, teremos nada menos do que a consolidação do pensamento que dava base científica para a defesa metódica da inferioridade de raças. Numa linha oposta, em 1808, abade Grégoire, fundador da Sociedade dos Amigos dos Negros em 1788, publica *De la littérature des Nègres, ou recherches sur leurs facultés intellectuelles, leurs qualités morales et leur littérature*. Grégoire, defensor da causa dos negros, por sua vez, vai ilustrar um dos polos que fazem a efervescência do debate a respeito da escravidão e, por extensão, do modelo colonial em que se assentava o sistema econômico e comercial no período.

Embora bastante esquemático, este conjunto de referências históricas procura esclarecer algo sobre o contexto de criação da obra de Claire de Duras, *Ourika*, de que tratamos aqui. Publicado em 1824, o texto aborda a temática da mulher negra no final do século XVIII na França³. Talvez não seja tão relevante em certa medida o fato de a protagonista ser de origem senegalesa; mas em relação a esse aspecto, caberia ainda lembrar que, historicamente, no intrincado jogo do comércio internacional, algumas derrotas já estavam estabelecidas para o poder central francês. É o caso da perda das Antilhas, por exemplo, e das disputas com a Inglaterra em torno exatamente do território senegalês, que a França recupera de forma definitiva a partir de 1814. Mas passemos a um evento histórico ainda mais preciso, do qual teria derivado o pequeno romance de Duras.

No ano de 1786, o *chevalier* de Boufflers, governador de possessões francesas no Senegal, oferece ao seu primo, Marechal de Beauvau, e à sua esposa uma pequena escrava. Durante a sua curta vida, esta jovem escrava, chamada Ourika (1784-1799), viverá em Paris no hotel de sua família de adoção em companhia dos dois netos do casal

³ Para ficarmos num período histórico próximo ao de *Ourika*, dentro desta linha de representações do colonialismo francês, assinalamos o primeiro romance escrito por Victor Hugo, em 1818, *Bug-Jargal*, que será publicado em 1820 e mais tarde remanejado para reaparecer em 1826. V. Hugo, nesta obra, toma a revolução haitiana como matéria e tem por protagonista um escravo negro em propriedade de São Domingues.

Beauvau. O *chevalier* de Boufflers teria adquirido aliás várias outras cativas, segundo consta.

Diante desse evento, que nos aparece como um pequeno produto do sistema de escravidão vigente no período, é que Claire de Duras anuncia, numa carta a Rosalie de Constant, em 1º de janeiro de 1824, a criação de um breve romance que seria impresso exclusivamente para alguns de seus amigos. Segundo Duras ainda, esta breve narrativa com elementos ficcionalizados estaria baseada na conhecida história de Ourika, a jovem escrava senegalesa educada por madame de Beauvau, que teria seguido os rígidos códigos aristocráticos de seu tempo para educação das mulheres.

Influenciada pelo pai, Armand de Kersaint - reconhecido por ser homem de ideias liberais e entusiasta da emancipação dos escravos - Claire Louisa Rose Bonne de Coëtnempren de Kersaint, posteriormente conhecida como madame ou Claire de Duras, escritora e *salonnière* francesa do começo do século XIX, assim como outros escritores da aristocracia francesa do fim do século XVIII e XIX, engaja-se no combate em favor da abolição da escravatura. Ao lermos suas obras é possível, com efeito, notarmos um eco nítido das discussões dos filósofos iluministas com temas que envolvem personagens oprimidos e marginalizados, frequentemente impedidos de se realizarem amorosamente, devido, por exemplo, às suas origens e ao preconceito social - o caso de *Ourika* - ou ainda em razão de um segredo pessoal, como a homossexualidade (na obra *Édouard* da mesma autora).

Em 1820, Claire de Duras teria contado em um jantar de amigos uma anedota real sobre Ourika, quando, fascinados por sua narrativa, os companheiros de salão lhe sugerem a escrita da história. Ela começa então a escrever o romance para, em dezembro de 1823, publicar cerca de 50 exemplares sem a sua assinatura. François-René de Chateaubriand, autor já então incensado pelas narrativas de René e Atala e um de seus primeiros leitores, também é grande entusiasta da criação de *Ourika*. Nos anos seguintes *Ourika* vai obter um notável sucesso. Até 1826 serão realizadas diversas edições do livro e a partir de 1825 surgirão numerosas traduções. Além disso, o texto também receberá adaptações, para o teatro, poesia e servirá de inspiração para outros romances. Diferentes escritores aclamaram *Ourika*, entre eles Johann Wolfgang von Goethe, Gustave Flaubert, Victor Hugo, Honoré de Balzac e o escritor inglês John Fowles, para quem *Ourika* representava a primeira tentativa da parte de um romancista branco de entrar em uma consciência negra.

De fato, a brevidade da história não prejudica a grandeza do conjunto formado pelos eventos da narrativa e pela complexidade da figura de Ourika. Desde o início é possível observar a astúcia de Claire de Duras, que dá a palavra inicial a um narrador, um médico de Montpellier, passando a palavra a seguir para a jovem Ourika. A narrativa abre-se assim com uma *Introdução*, feita pelo médico, que, depois, em presença da protagonista, Ourika, vai lhe escutar a narração pessoal. A narrativa, sempre em primeira pessoa, se desdobra nessas duas vozes, mas tem como ponto de vista predominante a narração de Ourika. Estas duas falas se organizam, portanto, em torno de uma entrevista médica *terapêutica* com a finalidade de tratar o degradado estado de saúde de Ourika decorrente do seu sofrimento moral e existencial. Pelas interrogações acerca do segredo de seu sofrimento, conhecemos sua história, sua origem, contada por ela mesma: “meu sofrimento é a história de toda a minha vida” (DURAS, p. 9).

Dois eventos nada acidentais destacam-se na concepção desta obra: o anonimato inicial da autora e o primeiro quadro narrativo, o do médico, a fornecer a base de escuta para o narrar da vida de Ourika, essa mulher negra que vive em situação absolutamente excepcional no meio social aristocrático. O primeiro, assinala a fragilidade e a hesitação da autoria feminina no limiar do século XIX. É óbvio e claramente reconhecido o papel primordial que exercem as mulheres da alta burguesia e da aristocracia no comando dos salões e debates literários. A propósito, Chateaubriand já havia mesmo apontado em seu capítulo “Du vague des passions”, em seu *Gênio do Cristianismo*, o quanto a excessiva presença das mulheres lhe aparecia como uma das causas da fragilização do homem moderno às voltas com sua persistente melancolia provinda de exercícios de conhecimento intelectual sem contar com uma experimentação política real, viril, contundente. No entanto, esta forte presença feminina, que certamente interferiu na formação intelectual pelos círculos literários e na sustentação dos espaços de sociabilidade, não deveria legitimar totalmente uma inserção pública efetiva das mulheres; a inscrição e o reconhecimento públicos permaneciam reservados aos homens.

Sobre o segundo ponto, o do quadro narrativo masculino, este se encontra de alguma forma ligado ao problema anterior, o da distinção social dos papéis. Uma leitura um pouco mais atenta da abordagem bastante singular da obra logo nos esclarecerá sobre a questão.

O narrador médico, que chega ao convento e encontra Ourika já então doente, mergulhada em sua vida religiosa, mostra-se desde logo estranhamente surpreso ao ver

uma mulher negra, polida, sabendo muito bem como manejar o seu discurso. Na retrospectiva que a protagonista apresenta ao médico, já o dissemos, tomamos conhecimento de sua infância, origem e sua relação com a família que lhe acolhera, principalmente do amor e dedicação de madame de B. Os elementos da narrativa são poucos, assim como as cenas e os personagens, e os momentos principais se articulam em torno de três diálogos principais, o que sugere uma semelhança do romance a uma “conversa polida” digna da tradição dos salões literários dos séculos XVIII e XIX.

Em um desses diálogos, o primeiro, entre madame de B. e a marquesa de..., testemunhado furtivamente pela protagonista, é que se revela a grande questão a respeito de Ourika, surgindo a interrogação sobre seu futuro em razão de sua identidade de mulher negra no seio da sociedade branca. Tendo ela chegado à idade de quinze anos, era tempo de pensar em seu casamento; porém, quem poderia se unir a esta jovem? Era a questão posta pelas damas sobre o futuro de Ourika.

O impasse está dado. Presenciar uma conversa em que se revela com límpida clareza a impossibilidade de sua realização como mulher, que não pode retroceder ao que seria um estado anterior de inferioridade nem avançar dentro dos códigos da cultura que a formou, ilumina a consciência da protagonista. Este acontecimento produz uma mudança drástica de seu ponto de vista sobre a vida e a construção da sociedade e desdobrará a narrativa em períodos mais longos de reflexão interna sobre a sua existência. Com pesar, Ourika revela uma desesperadora consciência de solidão sem mais chance de refúgio nos velhos entes familiares, desapegando-se gradativamente de suas referências e abrigo, em especial de Charles, seu adorado amigo de infância e neto de madame de B.

A melancolia passa a ser um dado frequente e a postura mais crítica de Ourika também. A protagonista volta seus olhos para a realidade social em efervescência, distante dela, mas cujos efeitos poderiam atingi-la positivamente. Os eventos mais brutais e profundos da Revolução poderiam talvez mudar seu destino, redesenhando-o conforme os novos ideais tão propagados de justiça e de libertação. Entretanto, ao contrário, logo frustra-se, se sente enganada pelos espectros de atores desta revolução que ronda seu lar. Com olhar desiludido, vislumbra apenas a prevalência dos interesses individuais de pessoas influentes na sociedade. Nada que lhe dissesse respeito.

Na contramão desta expectativa frustrada, Ourika é tomada por uma nova esperança: a família, que se refugia no interior para se proteger dos revolucionários, restabelece o calor dos laços que a inspira. Ela vê recuperados nessas circunstâncias os

sentimentos de solidariedade e fraternidade, já que o sofrimento, a tristeza e o medo eram agora um aspecto comum a todos.

O segundo diálogo importante para a estrutura da narrativa acontece após o período do chamado Terror revolucionário e inscreve-se na história para reforçar a ideia de que a felicidade era negada a Ourika devido a sua origem. A conversa, entre Ourika e Charles, revela pequenos segredos sobre a felicidade de Charles com o seu casamento, mas este enaltece ao mesmo tempo a qualidade rara de sua relação com Ourika, repleta de confiança e amizade. Após esse episódio, Ourika adoece.

Assim, o último diálogo ocorre durante o período enfermo de Ourika, entre ela e a marquesa de..., e este encontro reforça as impressões de Ourika, ou seja, as certezas sobre a ausência de lugar para sua identidade singular no mundo e sua impossibilidade de conhecer a felicidade. O final desta história já é conhecido: Ourika dedica-se a Deus e retira-se para um convento, a fim de permanecer no único lar onde lhe seria possível recolher-se em suas recordações afetivas.

Chamam a atenção na obra os traços da consciência melancólica de Ourika que se distinguem como matéria essencial da narrativa em sua dimensão romântica. Claire de Duras talha com zelo a personagem, tanto no campo físico quanto no campo psíquico e nos parece, num aspecto, combater os defensores da hierarquia de raças: não se percebe nenhuma inferioridade de ordem natural em Ourika que a impeça de desenvolver suas faculdades e de se destacar em seu meio. Ao contrário, por sua educação assim como por suas virtudes morais, Ourika torna-se “o digno reflexo de madame de B.” (DURAS, p. 17), figura social exemplar por sua dedicação e diligência em seu ambiente familiar e com seus próximos.

Reputada como a primeira grande heroína negra da literatura francesa, Ourika, a histórica ou a ficcional, é fruto da sensibilidade colonizadora ainda que em seu esforço mais radical de compreensão crítica.

Num rápido exame sobre os personagens negros na literatura produzida no período fica patente o tratamento mais ou menos análogo dado a eles. O perfil dos personagens de cor e/ou representantes de mulheres e homens escravos geralmente oscila de uma representação exótica, eventualmente decorativa, a um heroísmo exacerbado, este último seguidamente associado a alguma tese.

No caso de Ourika, existe uma potente concentração de elementos que consiste numa restauração de um certo fundo histórico, com referência à Revolução Francesa e à insurreição dos escravos na colônia de São Domingos nas Antilhas. Observe-se que

ambos os eventos são trazidos como horizonte possível de salvação da protagonista, mas ela os recusa demonstrando uma significativa percepção sobre as particularidades de seu campo individual, irredutível, e o outro, o coletivo, tão instável e confuso. Se a Revolução não terá efeitos sobre sua vida imediata, a protagonista tampouco se identificará com os negros haitianos que teriam protagonizado um massacre, para ela inaceitável, em sua revolta contra a opressão branca.

Mas ainda desta fórmula narrativa condensada de Claire de Duras decorre o outro aspecto a se considerar. A heroína negra não foi esteticamente composta para figurar como padrão, tipo ingênuo ou raso a confirmar certos traços, já que ela mesma questiona os limites de sua imagem para o gentil colonizador - “[...] dependente, desprezada, sem sorte, sem apoio, sem uma pessoa de sua espécie a quem ela poderia unir a sua vida – apenas uma distração para a sua benfeitora” (DURAS, p. 17). Enfim, pode-se notar o empenho de Claire de Duras em ilustrar a figura negra plena de humanidade, colocando em causa, deste modo, os estereótipos que surgiram com a construção escravagista da figura do negro – e da mulher em particular – que reduziam, por exemplo, o africano a um corpo dotado somente de força e sensualidade.

A personagem-narradora Ourika, ao traçar esta pequena biografia de si para seu ouvinte, relaciona de forma orgânica a realidade histórica e a compreensão da sua subjetividade decomposta; aproxima eventos aparentemente dispersos e cria uma geografia própria que dá relevo a tensões sociais ao mesmo tempo em que ilumina para o leitor seu impasse individual, que aliás percorre fronteiras e épocas.

Referências

- CHATEAUBRIAND, F.-R. de. *Génie du christianisme*. Paris: Gallimard, coll. « Bibliothèque de la Pléiade », 1978.
- GAINOT, Bernard. *L'Empire colonial français de Richelieu à Napoléon*. Paris : Armand Colin, 2015.
- LITTLE, Roger. Les Noirs dans la fiction française, d'une abolition de l'esclavage à l'autre. In: *Romantisme - revue du dix-neuvième siècle*. Paris: Armand Colin, n. 138, p. 7-18, 2008/1. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-romantisme-2008-1-page-7.htm>. Acesso em: 05 de dezembro de 2017.